

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS  
Programa de Pós-Graduação em Psicanálise Clínica e Cultura  
Dissertação de Mestrado

Maria Jacinta Freire de Freitas Xavier

**O que há na escrita chinesa que nos *oriente* acerca da instância da letra?**

Porto Alegre, 2018

[Digite texto]

Nome: Xavier, Maria Jacinta Freire de Freitas.

Título: O que há na escrita chinesa que nos *orienta* acerca da instância da letra?

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura.

Área de concentração: Psicanálise, teoria e dispositivos clínicos - linha1.

Orientadora: Luciane De Conti

### **Orientadora**

---

**Profa. Dra. Luciane de Conti**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

### **Banca examinadora**

---

**Profa. Dra. Marta Regina de Leão D'Agord**

---

**Profa. Dra. Luiza Ely Milano**

---

**Prof. Dr. Cleyton Sidney de Andrade**

## Agradecimentos

Ao meu analista José Luiz Caon, pela escuta que favorece tornar possível o possível.

À minha família, por escrever em mim palavras bonitas demais. Sobretudo minha mãe, Cecy Xavier, por estar lá nos momentos mais intensos da escrita, quando precisei fazer retiro na sua morada, pra ter silêncio, espaço, colaboração nas atividades discretas e imprescindíveis da vida sem às quais nenhum estudo é possível.

À minha orientadora Luciane de Conti por aceitar ser ponto de ancoragem, segurando discretamente as pontas das cordas do sentido quando minha imaginação andava deveras flutuante.

Ao Celso Marques, monge Seikaku, do Instituto Zen Maitreya, pelo encontro pontual e transformador.

Aos amigos todos que brincam de letras comigo, incitando o estado de espírito necessário para pensar com graça. Especialmente àquelas com quem compartilho a casa, as alegrias e tristezas: Gislaine Oliveira, Alessandra Kasprczak, e Quhong Jiang.

Ao Felipe Piccoli por compartilhar a curiosidade e prestar ajuda quando me aventuro por outras línguas.

À banca, composta por professores aos quais admiro sobremaneira, pela disponibilidade de contribuir, dialogar e avaliar esta produção.

Aos colegas de turma de mestrado, que deram leveza ao percurso, diariamente, no nosso grupo de *WhatsApp*, o “Heimlich”.

A Héliida Xavier por trazer de Alagoas o importantíssimo livro “Lacan chinês”, autografado pelo Cleyton Andrade, para mim.

À instituição UFRGS e ao PPG Psicanálise: Clínica e Cultura, por ser solo fértil para plantio de tantas e diversas curiosidades.

Meu reconhecimento de que todos aqui citados compõem, com os traços que deixaram, o que eu vou chamar de meu “psinograma”.

Muito obrigado!

[Digite texto]

*“O olhouvido ouvê.”*

Décio Pignatari

## RESUMO

A presente dissertação aborda as relações entre a escrita chinesa e a instância da letra no inconsciente. O estudo aqui compartilhado se propôs a investigar que recursos a escrita chinesa pode oferecer ao psicanalista a fim de aguçar sua prática de leitura da "letra". Para tal, aprofundamos uma rede de conceitos imbricados que suportam essa questão: escrita, significante, letra, *lalangue*, semblante, poesia. A pesquisa realizada partiu da experiência de análise da pesquisadora, tocada pelos modos de intervenção em uma análise lacaniana. E se acentuou com a leitura d'O Seminário 24 (Lacan, 1976-7) onde consta a proposição lacaniana de que os analistas fossem à escrita poética dos chineses da dinastia Tang, indicando que neste sistema de escrita e no uso que os poetas fazem das letras chinesas haveria algo que pudesse interessar à psicanálise para sua práxis. A fim de cercar nosso objeto *a escrita chinesa*, vivenciamos a tentativa de aprendizado do mandarim, construímos uma interlocução direta com uma intercambista chinesa no Brasil, e estudamos a obra "*L'écriture poétique chinoise*", de François Cheng, indicada por Lacan no "*L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*" (1976). No que diz respeito ao laço desta pesquisa teórica com a clínica, trouxemos recortes de análises de sonhos e de falas no contexto de situação analítica. Tal percurso nos apontou que, ao escutar um sujeito em análise, além da escuta de seus significantes, deve-se estar atento à dimensão do que é letra, inclusive na sua dimensão visual, para então, quiçá, transpor algo disto para o simbólico.

Palavras-chave: Psicanálise; Letra; Sinograma; Escrita; Poesia.

## ABSTRACT

The present dissertation deals with the relations between the Chinese writing and the instance of the letter in the unconscious. The study shared here set out to investigate what resources the Chinese writing can offer to the analyst in order to increase his practice of reading of the “letter”. For this, we developed a network of interwoven concepts that support this issue: writing, signifier, letter, language, semblant, poetry. The research started from the analysis experience of the researcher, influenced by the intervention modes in Lacanian analysis and was accentuated reading the Seminar XXIV (Lacan, 1976-7), where is presented the Lacanian proposition that the analyst should go to the Chinese poetic writing from the Tang Dynasty, indicating that in this writing system and on the use that the poets do of the Chinese writing would be found something that would interest to psychoanalysis for its praxis. In order to surround our object, we experience the attempt of Mandarin learning, as well as established a direct interaction with a Chinese exchange student in Brazil, and we studied the work “*L’écriture poétique chinoise*” (1977) of François Cheng, indicated by Lacan in “*L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre*” (1976). Concerning to the bond of this theoretical research with the clinic, we bring fragments of dream analysis, and speeches in the context of analytical situation. This way show to us that while listening to a subject in analysis, in addition to its significant listening we must be aware of the dimension of what is the letter, including its visual dimension, so than, perhaps, transpose something of it to the symbolic.

Keywords: Psychoanalysis; Letter; Sinogram; Writing; Poetry.

## SUMÁRIO

1 Uma Lanterna Vermelha Na Trilha Do Ensino De Lacan	8
2 Circundando a Noção de Letra e Significante: Entre Linguística e Psicanálise	15
3 Por que a China? Psicanálise e o Pensamento Chinês	26
4 Particularidades do Sistema de Escrita Chinês, da Vivência do Aprendizado à Teoria.	35
5 Escrita Chinesa e os Registros: Hipótese de Datong	41
6 O Que se Lê no Que se Ouve	47
7 O Semblante Como Embrulho	58
8 A Diferente Relação com o Referente Entre Sistemas de Comunicação Digitais e Analógicos	64
9 A direção Diversa de Sentidos e a Importância do Visual na Escrita da Poesia dos Tang	69
10 Da Letra Imagem Embolada às Letras Linhas: De(certa)ação	78
Referências	79

## 1 Uma Lanterna Vermelha Na Trilha Do Ensino De Lacan

Foi do encontro com O Seminário 24 (Lacan, 1976-7) *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* – cujo título numa livre tradução seria algo como “O não sabido que sabe de um equívoco se sustenta no amor” – que me senti interpelada por uma pequena proposição: “É preciso que encontremos na escritura chinesa a noção do que é a poesia” (s. p.). Nela estavam condensados três interesses meus: a psicanálise, a poesia, o oriente. Como isso era possível? Não poderia me ocupar de outra coisa.

Autorizo-me a lhes contar como introdução, em primeira pessoa mesmo, que tanto a poesia quanto a transmissão de um “quê” oriental estão dadas desde sempre para mim, no meu exame de traços. Uma lembrança da infância voltou em análise ao falar deste processo de escrita que aqui se apresenta: Meu primeiro desenho foi a bandeira do Japão. Ao digitar estas palavras precisei retomá-las para corrigir um ato falho. Escrevi: meu primeiro *desejo* foi a bandeira do Japão. Tinha em torno de dois anos e, sentada à mesa da sala ao lado de meu pai, escutava-o contar histórias sobre história, especialmente da segunda guerra e os conflitos entre Estados Unidos e Japão que culminaram nas explosões em Hiroshima e Nagasaki. Eu era então demandada a desenhar a bandeira do lado favorito: o Japão. Eu pintava com lápis de cor um círculo vermelho e o preenchia emaranhando o traço do lápis até que não sobrasse espaço, o que chamava de bola vermelha. Esse relato só é relevante na medida em que ratifica tudo que se diz sobre o desejo e o inconsciente do pesquisador enlaçado no assunto que o captura. Em suma, cá estou por amor. Amor e esforço na tentativa de fazer outra coisa com essa “bola vermelha”. É por perceber que tal bola é um emaranhado consequente de um traço contínuo com a ponta do lápis de cor, que como num movimento inverso, esse trabalho composto de letras visa desfazer esse novelo. Tanto que, com alguma liberdade na forma eu teria finalizado estas páginas em caracteres vermelhos, porque assim as sinto mais verdadeiras e consonantes com a origem mítica de captura pelo oriente.

Outro fato é que escrevo para viver. O que não quer dizer que eu escreva muito, e sim que todas as vezes que escrevi, o fiz porque naquele momento era “escrita ou morte”. E encantou-me sobremaneira encontrar na psicanálise Lacaniana o justo valor da palavra na vida. Ao retomar esta introdução para complementá-la dei por conta de que agora também se trata de “escrita ou morte”. Inicialmente eu atribuía esse valor somente aos textos poéticos aleatórios, versos anotados num caderno de bolso, mas finalizando o parágrafo anterior pensei: “quero encerrar esse assunto”. Não se trata de encerrar, de guardar em clausura ou de

[Digite texto]



conter em si, mas de enterrar: enterrar como algo que pode prestar para outros fins, alimentar um nascer de beleza possível graças ao processo de escrita que fez com que palavras parasitas se despegassem do escritor, o libertando para viver e trabalhar outras questões.

Alguém poderia perguntar o que a China tem a ver com a bandeira do Japão? É comum que Japão e China figurem para nós ocidentais sob o mesmo semblante “oriental”. Além desta obviedade generalista, soube que ambos no curso da História afetaram-se e, do que nos cabe salientar aqui, vieram a compartilhar das mesmas letras. Os japoneses fazem uso do que chamam *kanjis*, caracteres de origem chinesa e do tempo da dinastia Han (Ota, p.109, 1998), utilizando-os em seu próprio idioma, lendo-os à sua maneira. Sobre a introdução dos caracteres chineses no Japão, Ota, pesquisadora de estudos orientais da USP julga que “foi certamente uma conquista importante e um marco na história do país, que até o século IV desconhecia a escrita” (p.113).

Não foi difícil estender a curiosidade de um a outro. No momento do encontro com tais referências na obra de Lacan, a mencionada cena da infância ganhou relevo e se atualizou. Lacan também apontava uma direção oriental. Pus-me a andar por este caminho.

Bem por isso, escolhemos como inspiração metodológica a noção de experiência. Por compreender que, a condição de psicanalista, de terapeuta que escuta clinicamente, e não menos que isso, de sujeito que escreve, somando-se a leituras de textos psicanalíticos, são vivências que pedem elaboração, e podem tornarem-se ao término desse processo, uma experiência compartilhável. Inspiração metodológica porque a possibilidade narrativa aqui é híbrida. Não iremos construir uma narrativa literária ao estilo do “camponês sedentário”, ou do “marinheiro viajante”, figuras oferecidas por Benjamin em “Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (1987). Mas é importante frisar que nosso estudo teórico e clínico nasce no divã. E quem passeia no inconsciente traz notícias de perto ou de longe? Seríamos marinheiros ou camponeses?

Leskov viajou pela Rússia “e essas viagens enriqueceram tanto a sua experiência do mundo como seus conhecimentos sobre as condições russas” (Benjamin, 1987, p. 199). Quer dizer, Leskov parte para uma vivência de viagem, pessoal, mas que no seu fazer leva a uma leitura de mundo - leitura do seu país, das condições da sociedade e da ordem do coletivo em que vive - para então narrá-las. Da mesma forma, via vivências daquele que pesquisa: análise, leituras de textos Lacanianos, a tentativa de aprendizado de mandarim - incluindo a aventura de receber por alguns meses uma intercambista chinesa, com quem pudéssemos esclarecer

alguns pontos de dúvidas - pretendemos, do que pudemos reter disto, pensar aspectos relativos à clínica psicanalítica.

Escrever é inclinar-se novamente sobre o falado, o sentido, o vivido. Importante trabalho de elaboração tomando a importante distância, sustentada por um corpo teórico, para fazer de algo - que exclusivamente posto como relato autobiográfico seria patético - um elemento a mais com suas diferenças para contribuir na área a que se presta. Mais explicitamente, a partir de relatos clínicos e elementos de memórias e sonhos chegar a algo que não diga respeito ao que é da ordem do autobiográfico/pessoal, mas ao sujeito do inconsciente. Tomado no plano geral dos modos de funcionamento do inconsciente. Talvez ao término de uma pesquisa cheguemos próximos da dimensão do conselho, fator importante na narrativa. Mas, em Benjamin: “(...) se ‘dar conselhos’ parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis” (Benjamin, 1987, p. 200).

Identificamos nosso trabalho como a comunicação de um processo de formar-se e, de nesse formar-se, elaborar o próprio tema que é objeto de pesquisa. Estamos consoantes com Benjamin quando este diz que “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (Benjamin, 1987, p. 201).

Nosso título aponta dois objetos e uma hipótese sobre a contribuição de um para o outro. São tais objetos a escrita chinesa, e a instância da letra. Nossa tentativa de abordar o objeto “escrita chinesa”, foi lançarmo-nos no aprendizado do mandarim, vivência esta composta por um tempo de ignorância, encantamento alienado, surpresas e frustrações, e conversas informais com uma chinesa estudante de português de passagem pelo Brasil: Quhong Jiang.

Enquanto que nossa maneira de abordar o objeto “letra”, como letra **no** inconsciente, foi revisar na literatura o que se diz sobre escrita, o que é letra no âmbito linguístico e no âmbito psicanalítico, e para isso (senão, por isso mesmo) passar por aquilo que o pesquisador psicanalisante intuiu ser da ordem da letra na própria análise pessoal, marcas determinantes para a construção de um saber, ínfimo que seja, mas que culmina na escrita dessa dissertação. Por isso, novamente, vivência (de análise).

Sobre o que aqui falamos, é o que enquanto falamos, fizemos: elaboramos ao escrever algo sobre a letra passando por letras próprias. Nesse sentido é método psicanalítico, porque se dá via interpretação em situação de análise, isto é, sob transferência. (Baptista, 2002).

Na possibilidade, por meio do curso de mestrado e de textos para a academia, de forçar a coisa oriental na direção do simbólico, o pesquisador psicanalisante põe em jogo algo de clínico: do círculo vermelho ao trabalho de dissertação, temos a própria ação da construção de saber para uma marca e dizemos isto porque facilmente nosso trabalho poderia ser tomado como puramente teórico. Importa ressaltar a clínica que o atravessa porque é razão do próprio desejo de pesquisar.

Por que Lacan indica aos analistas que estes extraíam o grão da poética chinesa? A que convém ao psicanalista “meter nisso o nariz”? (Lacan, 1976-7). Com essa expressão mesmo, diz não ter nenhuma esperança de que o façamos. Tentaremos.

Parece haver uma orientação, no final de seu ensino, na direção de um mais além do simbólico a ser levado em consideração. Algo que a escrita chinesa poderia contribuir. Para nós, inicialmente se levanta seu aspecto que escapar do âmbito do significante, algo mais que fonético. Perguntamo-nos o que a escrita chinesa teria a contribuir para a compreensão disto que seria mais que significante. Em outro momento havíamos cogitado um para além da linguagem, mas isso não é correto porque os matemas, fórmulas e nós não podem ser falados e não por isso podemos dizer que estão fora do campo de uma linguagem lógica, matemática, ou visual. Seria um mais do que o significante. É isso que encaminha a psicanálise para uma clínica do real. Eu só havia escutado essa expressão, “clínica do real”, uma vez, quando da indicação de um analista. E foi como paciente que - não sei se antes ou depois do que falei aqui - comecei a me interrogar acerca de intervenções, hoje compreendidas como “*pas de sens*”, que suscitaram o desejo de buscar seus fundamentos com objetivo de alicerçar a práxis clínica comprometida com a mediação do desejo tal como Lacan propôs na seção “Função e Campo da Fala e da Linguagem” de seus Escritos (1998) dando ao desejo sua interpretação simbólica pelo manejo da função poética da linguagem.

Para tal, **nos propomos investigar que recursos a escrita chinesa pode oferecer ao psicanalista a fim de aguçar sua prática de leitura da “letra”.**

Os fragmentos de experiência clínica das quais lançaremos mão como vinhetas foram obtidas tanto na condição de psicanalisante quanto na condição de terapeuta (de orientação lacaniana), e são a reescrita de notas breves após atendimentos articuladas como texto a partir de um dado, visando ilustrar e pensar recursos de intervenção. Como consequência do contato entre o objeto e a subjetividade do pesquisador a narrativa destas memórias pode beirar a dimensão ficcional já que o pesquisador é “movido por suas impressões transferenciais sobre o texto examinado” (Iribarry, 2003, p.127).

Psicanálise é pesquisa, pesquisa em psicanálise é pesquisa em pesquisa, sem redundância: pesquisa acadêmica entrelaçada à pesquisa clínica. Disposição daquele que estuda e pratica psicanálise e sente necessidade de produzir com as vivências que em um determinado ponto apresentaram-se como problema, afetando e pedindo significação.

É de suma importância partir deste registro para entender a que se propõe o pesquisador em psicanálise e a que não se propõe:

O que a psicanálise assim introduz no campo das verdades científicas é uma lógica do não todo, ou seja, não trata de cobrir o real, tal como entendido pela ciência, mas se interessa pelo saber construído pelo sujeito em torno do real em jogo na análise, o real da inexistência da relação sexual, traduzida pelo aforismo “a relação sexual não existe”. (Mezêncio, 2004, p. 108).

Não há, portanto, nenhuma pretensão de alcançar respostas totalizantes ou generalistas, a busca por tal objetivo seria no mínimo incoerente. Uma ciência que proponha o contrário desconsidera a condição humana e a reduz à previsibilidade de correlações fixas como a *wagging dance* das abelhas, referida em *Função e Campo da Fala e da Linguagem* (Lacan, 1998).

Vale ressaltar que não é porque a verdade não pode ser apreendida além do seu meio-dizer que não possamos colocar boas perguntas e franquear o limite do possível com o impossível tirando daí algumas conclusões.

Sobre essas possíveis conclusões e achados durante o processo, Caon (1997) nos indica se tratar de formações do inconsciente, sempre psiquicamente determinadas e, portanto, inconscientemente intencionadas.

Felizmente encontramos o vocábulo alemão *Erfahrung* (Iribarry, 2003), um dos três termos utilizados para diferenciar três níveis de experiência de pesquisa, este especificamente sendo relativo à *aprendizagem*. Experiência que pode se transformar em aprendizagem. Nas palavras do autor:

A *Erfahrung* é a experiência que decorre do contato do pesquisador com os participantes de sua investigação e com os dados coletados. Ao realizar sua investigação, o pesquisador psicanalítico está modificado por uma experiência que começou com o estabelecimento de um problema de pesquisa, com a escolha de uma estratégia para abordá-lo, e que irá culminar com a construção do ensaio metapsicológico. (Iribarry, 2003, pp. 128-129).

As duas outras: a experiência como imaginariamente concebemos quando fixados no fazer científico empírico, de laboratório, onde o pesquisador e sua vivência desaparecem frente ao objeto de pesquisa *Experiment*, e um terceiro termo em que o objeto se apaga em

[Digite texto]

prol do relato da vivência dos afetos e análises do pesquisador, *Erlebnis*. O primeiro, *Erfahrung*, nos parece mais adequado à ética da psicanálise e nos amparamos nesta dimensão para sustentar o desejo de pesquisar para, a partir do conhecimento, talvez apreender um saber que qualifique a prática do clínico que também pesquisa.

Em seu artigo, Lo Bianco (2003) distingue pesquisa clínica e pesquisa acadêmica, a partir das ideias de Garcia-Rosa<sup>1</sup> (1993):

A última teria como objetivo o trabalho teórico que visa verificar a validade formal da teoria. No entanto, longe de ter apenas esse objetivo, contrastando-a com o trabalho do epistemólogo, o autor afirma que a pesquisa acadêmica em psicanálise deve se dedicar também à “releitura” da teoria. Com essa noção aponta para a introdução do novo na referida teoria, por meio da multiplicação das possibilidades de sentido retiradas da clínica psicanalítica. (Lo Bianco, 2003, p. 116).

A pesquisa em psicanálise, mesmo teórica, abarca a experiência do psicanalista pesquisador porque somente enlaçada com seu desejo e seu percurso é possível construir uma verdade. Como a pintura chinesa que respeita a regra de uma conservação de espaço vazio no quadro, também assim pode se pensar uma produção no campo da pesquisa em psicanálise, respeitando a dimensão da falta e da espera pelos traços que poderão vir a ser escritos com outras pesquisas/leituras, num fluxo incessante de tudo que não cansa de não se inscrever.

Se Freud simpatizava com as metáforas da arqueologia, nós simpatizamos com a metáfora da biologia e pensamos que tal desejo é as vísceras, a vida desse trabalho, sem o qual, tratar-se-ia de um esqueleto teórico frio demais. O escritor e tradutor chinês Yao Feng, em crônica intitulada “A universalidade, a identidade e a poesia (2017)”<sup>2</sup> sobre a última diz: “Só a poesia que espelha a identidade do poeta como sujeito de sua vida e da sua poética poderá tornar o universal mais alargado”. Uma dissertação não é uma poesia, mas o método psicanalítico nos permite imprimir certa marca do sujeito pesquisador no pesquisar.

Sujeitar-se a uma análise, colocar-se a disposição para oferecer esse modo de escuta tão particular àqueles que assim desejam, bem como motivar-se a pesquisar na teoria e na clínica as questões da letra, diz de uma busca muito pessoal pelas letras que acoçam o próprio pesquisador psicanalisante. O formular uma questão explícita, trabalho necessário em uma pesquisa, é árduo porque acoça o recalque e quando formulada já não se pode dissimular, o pesquisador padece até que confessa sua pergunta: O *fallasser* dispõe de que

---

<sup>1</sup>Garcia-Rosa, L. A. (1993). A pesquisa acadêmica em psicanálise. In: *Anuário Brasileiro de Psicanálise*. (pp. 118-121). Rio de Janeiro: Relume Dumará.

<sup>2</sup>Não há indicação de número de página devido ao fato da crônica ter sido publicada em plataforma de diário virtual do autor. A ser acessada no link: <https://paragrafofinal.wordpress.com/2017/11/24/escrita-na-brisa-yao-feng-6/>

recursos pra dizer da tragicidade do seu viver? O que nós, psicanalistas, temos a apre(e)nder sobre e com a escrita chinesa que possa, nesta perspectiva, nos ajudar a pensar o conceito de letra em psicanálise?

Perguntas e motivações postas, iniciamos com a apropriação teórica sobre a letra, bem como sobre o significante, na linguística de Saussure e na psicanálise; a diferença da escrita como pura representação de sons e escrita autônoma e seus diferentes sistemas para situarmos em que basicamente difere a escrita chinesa e a nossa. Seguimos com uma contextualização do porquê e de que forma Lacan se interessou pelo pensamento chinês; discorremos sobre a difícil vivência de “letramento”, e as afetações sentidas ao longo da tentativa de aprendizado, inicialmente em grupo, pelo curso oferecido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e que seguiu de maneira independente; a hipótese do psicanalista chinês Huo Datong, de especificar o “inconsciente estruturado como uma linguagem” como “o inconsciente estruturado como uma escrita chinesa” e porque isso parece bem; em “O que se lê no que se ouve” tomamos mais especificamente a letra na fala do sujeito do significante. Como o inconsciente já é um fazer com, ou seja, um efeito do estabelecer nexos lógicos entre elementos de um conteúdo bastante caótico quando palavras eram ainda amontoados de sons num conjunto ao qual Lacan chamou “lalangue”; em “O semblante como embrulho”, a discussão segue no sentido de buscar compreender o que seria e como seria possível um discurso que não fosse do semblante, como o sujeito poderia compor com suas letras de maneira menos embrulhadas, mais expostas. Embrulhos é uma referência a um capítulo específico do livro de Barthes (2007) onde o autor conta sobre como os japoneses enfatizam mais o pacote dos presentes do que o presente em si, fazendo caprichados invólucros para o vazio. Encaminhando-nos para o final, respeitando o tempo de nossos achados teórico-clínicos trazemos a diferença entre sistemas de comunicação analógicos e digitais, bem como a consequência disso para se pensar a letra como da ordem do analógico e a operação do analista como possibilidade de conversão entre sistemas. Por fim chegamos à poesia da dinastia Tang, e como estes utilizam os recursos da visualidade da letra em suas composições, bem como os jogos fônicos próximos a onomatopeias. Aproximamos via leitura de poetas concretistas esse método dito ideogrâmico de composição ao modo de funcionamento do próprio inconsciente, com ênfase na importância do visual. Fazemos isso em consonância com formulações de Freud em “A interpretação dos sonhos”, para daí extrairmos nossas conclusões.

## **2 Circundando a Noção de Letra e Significante: Entre Linguística e Psicanálise**

“Reconduzir a experiência psicanalítica à fala e a linguagem interessa sua técnica.”

Lacan (1998, p. 290)

Neste momento compreendemos como condição indispensável definir minimamente alguns conceitos linguísticos que são íntimos do nosso problema. Não poderíamos ir ao sinograma e à escrita chinesa diretamente e despreparados, mas, de certa forma, isso ocorreu. Como o tempo de uma pesquisa não é linear foi possível retroagir sobre o problema após abrir as noções de letra e significante, para com estes trançar uma rede, um filtro de compreensão para nossos olhos e ouvidos clínicos para então nos debruçarmos sobre a questão central que é perceber nesse sistema de escrita o que há de especial para Lacan e o que pode oferecer à psicanálise.

## **3 Por que a China? Psicanálise e o Pensamento Chinês**

Sobre o traço único do pincel, noção caríssima aos chineses: é aquele que vem inaugurar na folha em branco uma obra de arte e é análogo ao sopro do Um que emerge do Vazio original. *Yin Yun* é o nome dado ao estado indistinto quando o *Yin Yang* são um devir. “O estado que ele designa é, nada menos, que a promessa da vida, um lugar aberto onde o impulso do não-ser em direção ao ser é possível e até mesmo iminente” (Cheng, 2012, p. 176). O traço horizontal primeiro da escrita chinesa, divisor do céu e da terra, separa o que há no mundo sob um aspecto mínimo de diferenciação, exatamente como o traço unário em Lacan.

## **4 Particularidades do Sistema de Escrita Chinês, da Vivência do Aprendizado à Teoria**

Quando aprendemos outro idioma, entramos em contato com outra língua que embora fonética e semanticamente seja distinta da nossa, usualmente encontramos as mesmas letras. O mandarim se revelou a nós como uma tarefa quase impossível: foi preciso estar fascinado pela letra para apostar nesse encontro, mas não tão fascinado a ponto de nos alienarmos a ela. Essa talvez tenha sido nossa maior dificuldade neste trabalho, mas

[Digite texto]

reconhecemos como um estágio necessário e que nos tomou algum tempo, conseguir deslocar dessa paixão pela letra, para pensá-la. Ninguém pensa sobre o que se apaixonou. Simplesmente contempla-se alienado.

## 5 Escrita Chinesa e os Registros: Hipótese de Datong

Datong analisa as características de ruptura na estrutura do sinograma. Inicialmente a ruptura entre figura e som, e como essa figura flutua como uma alucinação por muitos outros caracteres que guardam com seus traços relação semântica, mais ou menos discreta. A partir do caractere árvore, 木, que exibe raízes, tronco, galhos, o autor afirma ser este um desenho abstrato de árvore. A relação entre a figura e o objeto significado, ou mais precisamente a imagem visual desse objeto na memória, é uma relação de similaridade morfológica que se opõe à relação arbitrária entre o som e o objeto ou mais precisamente entre o significante e o significado - quando em português encontramos a palavra árvore, nada dessa escrita fonética nos aproxima de qualquer representação visual da coisa concreta. Mas neste caso o caractere de árvore circula por muitos outros como: caixão, xadrez (jogo), cadeira, floresta, de forma absolutamente muda. A figura não leva consigo o som.

## 6 O Que se Lê no Que se Ouve

No documentário “Encontro com Lacan” (Miller, 2011), vimos o depoimento de uma de suas pacientes: Suzanne Hommel ao perguntar a Lacan se poderia se curar do sofrimento causado pelo horror da guerra, percebeu imediatamente que não, que isto seria um exercício para toda a sua vida. Um dia Suzanne conta um sonho à Lacan, e diz que acorda todo dia às cinco da manhã, hora em que a Gestapo ia procurar os judeus em suas casas. Neste momento, segundo relato de Suzanne, Lacan levantou da poltrona “como uma flecha”, foi até a paciente e lhe fez um carinho extremamente doce em seu rosto. Ela própria formula: “*geste a peau*”. Isso não diminuiu o sofrimento da paciente, mas fez outra coisa, no mínimo duplicou o sentido para esse significante, e inevitavelmente, lado a lado com a memória sobre a gestapo, vive um gesto de carinho do analista. Lacan leu a letra e é inegável que lançou mão de outro sistema de comunicação para intervir em **ato** o gesto poético, propondo uma nova escrita para aquele som transbordante de sentido, logo, de angústia.



## **7 O Semblante Como Embrulho**

Encontramos neste seminário a respeito da verdade que, diferente do que costumamos escutar, não se trata do contrário do semblante, mas uma dimensão que é correlativa do semblante, ela o suporta. Tudo que é discurso só pode se apresentar **por** semblante. Nas primeiras seções Lacan (2014 [1970-1]) retorna brevemente à teoria dos quatro discursos para situar o lugar do semblante no primeiro quadrante à esquerda dos seus quatro termos: agente/verdade – outro/produção (Figura 5). Ele diz que o semblante não é somente situável, mas essencial para designar a função primária da verdade e que sem essa referência seria impossível qualificar o que é relativo ao discurso.

## **8 A Diferente Relação com o Referente Entre Sistemas de Comunicação Digitais e Analógicos**

Uma informação basilar descrita de forma direta e clara por Pignatari é a classificação de signos<sup>3</sup> que aprende do filósofo, lógico e matemático Peirce. Em relação ao referente e à coisa, o signo poderia ser resumidamente: ícone, quando possuir semelhança com o referente, e aí ele coloca o pictograma; índice, no caso de relação direta, ou diríamos, real, com o referente, caso da pegada na areia; e por último símbolo, quando a relação com o referente é arbitrária (Pignatari, 1982, p. 25). Sobre a arbitrariedade, reconhece que pode haver discussões sobre genética morfológica, mas compreende o complexo de sons que se emite para fazer referência aos objetos como convenções. E a escrita fonética que visa representar os sons, também simbólica, por ser signo de um signo.

## **9 A direção Diversa de Sentidos e a Importância do Visual na Escrita da Poesia dos Tang**

Iniciamos nossa discussão sobre a história da poesia na dinastia Tang, pelas contribuições de Portugal e Xiao (2013). Seu período compreende entre os anos 618-907, e foi considerada o ápice da produção poética da China clássica. Como que por acumulo de

---

<sup>3</sup> Para Peirce signo ou "representame" é toda coisa que substitui outra, representando-a para alguém, sob certos aspectos e em certa medida. (Pignatari, 1982, p. 24. Informação, linguagem, comunicação).

[Digite texto]

camadas e camadas de transformações de uma crescente qualidade literária, no seu ponto de preparo linguístico, somado ao contexto histórico e cultural eclodiu um modo ousado de compor, que leva os estudiosos na área a reconhecê-la como “inaugurativa”. Essa liberdade para compor pode ter relação com a conjuntura cultural que florescia junto com seu surgimento. Os poetas Los Tang teriam sido inspirados por algo que se consolidava com vigor na China entre os séculos VII e IX: o budismo.

## **10 Da Letra Imagem Embolada às Letras Linhas: De(certa)ação**

A escrita chinesa, composta de recursos analógicos e digitais, mostra como a dimensão da letra no inconsciente pode ser imagem, forma, bola vermelha que faz enigma e determina sintomas. Obviamente isto não exclui que haja letra enquanto som, mesmo um ruído: caso das onomatopeias "quéquéqué" e "tshiii" - letra é o que fez marca e que é possível de ser lida, transposta para o simbólico, numa operação de conversão analógico/digital multiplicando-se pelos caminhos que a dimensão significante oferece. Desta forma uma potência de angústia pode diluir-se. Outras restam inalisáveis. É o impossível.

## Referências

- Abibon, R. (n. d.) *Réponse à Huo Datong sur “L’inconscient est structuré comme l’écriture chinoise”*. Recuperado de [http://une-psychanalyse.com/reponse\\_a\\_Huo\\_Datong.pdf](http://une-psychanalyse.com/reponse_a_Huo_Datong.pdf). Acesso em: julho/2017.
- Alleton, V. (2010). *Escrita Chinesa*. Porto Alegre, RS: L&PM editores.
- Andrade, C. (2013). *A interpretação analítica e a escrita poética chinesa*. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Andrade, C. (2015). *Lacan chinês: Poesia, Ideograma e Caligrafia Chinesa de uma Psicanálise*. Alagoas: Edufal.
- Baptista, M. L. A. (2002). O método psicanalítico e o objeto da psicanálise. In XXIV Congresso Latinoamericano de Psicanálisis, *Permanencias y cambios en la experiencia psicoanalítica*. (pp. 1-10). Montevideo, Uruguai.
- Barroso, H. (1996). Os sistemas fonemático e grafemático do português actual ou das relações fone ↓ fonema ↓ grafema ↓ letra. *Diacrítica*, 11, 265-293.
- Barthes, R. (2007). *O Império dos Signos*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Benjamin, W. (1987). Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In W. Benjamin. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (3a ed.). (pp. 197-222). São Paulo: Editora Brasiliense.
- Campos, A. (2006). Pontos-periferia-poesia concreta. In Campos, A.; Pignatari, D.; Campos, H. (2006). *Teoria da Poesia Concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. (pp. 31-42). Cotia, SP: Ateliê Editorial.
- Campos, H. (2000). Ideograma, Anagrama, Diagrama: Uma leitura de Fenollosa. In Campos, H (Org.) (2000). *Ideograma: lógica, poesia, linguagem*. (pp. 23-107). São Paulo: Edusp.
- Caon, J. L. (1997). Serendipidade e situação psicanalítica de pesquisa no contexto da apresentação psicanalítica de pacientes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10 (1), 105-123. doi: 10.1590/S0102-79721997000100008
- Cheng, A. (2008). *História do pensamento chinês*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Cheng, F. (2007). *La Escritura poética china*. Valencia, Espanha: Pré-textos.
- Cheng, F. (2012). Lacan e o pensamento chinês. In Aubert, J., Cheng, F., Milner, J.-C., Regnault, F. & Wajcman, G. (Org). *Lacan: O escrito, a imagem*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Datong, H. (n.d.). *L’inconscient est structuré comme l’écriture chinoise*. Recuperado de [https://www.lacanchine.com/Ch\\_C\\_HuoInc\\_Txt.html](https://www.lacanchine.com/Ch_C_HuoInc_Txt.html).

- Elia, L. (2007). A letra: de instância no inconsciente à escrita do gozo no corpo. In A. Costa & D. Rinaldi (Org.). *Escrita e Psicanálise*. (pp. 129-137) Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Fenollosa, E. (2000). Os caracteres da escrita chinesa como instrumento para a poesia. In. H. Campos (Org.) (2000). *Ideograma: lógica, poesia, linguagem*. (pp. 109-148). São Paulo: Edusp.
- Ferreira, N. P. (2002). Jacques Lacan: apropriação e subversão da linguística. *Ágora*, V(1), 113-132.
- Fingermann, D. (2017). Psicanálise e literatura em Lacan. *Revista Cult*, 8, 44-45.
- Freud, S. (2011 [1921]). *Psicologia das massas e análise do eu*. (Obras completas, Vol. 15). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2012a). *A interpretação dos sonhos*. Vol I. Porto Alegre: L&PM Pocket.
- Freud, S. (2012b). *A interpretação dos sonhos*. Vol II. Porto Alegre: L&PM Pocket.
- Gois, E., Uyeno, E., Ueno, M. & Genesini, T. (n.d.). Lalangue, via régia para captura do real. *Instituto de Psicanálise Lacaniana (IPLA)*. Recuperado de <http://www.psicanaliselacanianana.com/estudos/documents/LALANGUE.pdf>
- Halévy, M. (2015). *Leitura do tao: Uma sabedoria que nos espera*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 6, 115-138. doi: 10.1590/S1516-14982003000100007.
- Jakobson, R. (1972). *O que fazem os poetas com as palavras*. Recuperado de <https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/10/jakobson-o-que-fazem-os-poetas-com-as-palavras.pdf> acessado em 25/02/2017
- Jakobson, R. (2010). *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- Jungk, I. (2013). Em busca de Lalangue: Palavras como modelos de sensibilidade. *Leitura Flutuante*, 5(1), 129-138.
- Lacan, J. (1971). Lituraterra. In: J. Lacan (2001) *Outros Escritos*. (pp. 15-25). Rio de Janeiro: Zahar
- Lacan, J. (1976-7). *O Seminário 24*. Recuperado de <http://www.bibliopsi.org/docs/lacan/29%20Seminario%2024.pdf>.
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2001). *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar
- Lacan, J. (2002 [1974]). Conferência A Terceira: Cadernos Lacan. (Vol. 2) Porto Alegre: APPOA.

- Lacan, J. (2003a [1971-2]). *...Ou Pior: Seminário 19*. Salvador, Bahia: Espaço Moebius Psicanálise.
- Lacan, J. (2003b [1961-2]). *A Identificação: seminário 1961-2*. (Traduzindo Ivan Corrêa; Marcos Bagno). Recife: Centro de Estudos Freudianos
- Lacan, J. (2007 [1975-6]). Joyce, O Sintoma. In: J. Lacan. (2007 [1975-6]). *O Seminário livro 23: O Sinthoma*. (pp. 157-165). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2008a [1968-9]). *O Seminário 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2008b [1972-3]). *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2014 [1970-1]). *El Seminario 18: De un discurso que no fuera del semblante*. Argentina: Paidós.
- Lispector, C. (2009). *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco.
- Lo Bianco, A. C. (2003). Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. *Psico-USF*, 8 (2), 115-123. doi: 10.1590/S1413-82712003000200003.
- Machado, A. M. N. (2000). *Presença e implicações da noção de escrita na obra de Jacques Lacan*. Ijuí, RS: Unijuí.
- Maduro, D. (2006). *Escrita pictográfica: um texto feito de imagens*. Recuperado de: <http://www1.ci.uc.pt/diglit/DigLitWebCdeCodiceeComputadorEnsaio27.html>. Acessado em: março/2017.
- Maia, M. A. (2009). Três tempos da arte em Lacan. In: Lima, M. M.; Jorge, M. A. C (Orgs.) (2009). *Saber fazer com o real: diálogos entre psicanálise e arte*. (pp. 191-197). Rio Comprido, RJ: Companhia de Freud.
- Martinet, A. (1973). *Elementos de linguística geral*. Lisboa: Sá da Costa Editora.
- Mezêncio, M. de S. (2004). Metodologia e pesquisa em psicanálise: Uma questão. *Psicologia em Revista*, 10 (15), 104-113. Recuperado de <http://docplayer.com.br/37136483-Metodologia-e-pesquisa-em-psicanalise-uma-questao-resumo.html>
- Miller, J. A. (2010). A palavra que fere. *Opção Lacaniana*, 56/57, 67-70.
- Miller, G. (2011) *Encontro com Lacan*. [Arquivo de vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=S-QtbFaZjmw>
- Oliveira, R. J. F. (2016). *Origem e desenvolvimento do sinograma: análise descritiva de processos e fenômenos de uma escrita antiga*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Ota, J. (1998). O Sistema de Escrita da Língua Japonesa e Alguns Aspectos da sua História. *Revista de Estudos Orientais*, 2, 109-120.
- Pessoa, F. (2017). *O Livro do Desassossego*. São Paulo: Companhia de Bolso.

- Pignatari, D. (1982). *Informação, Linguagem, Comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- Pignatari, D. (2006). Poesia concreta: Pequena marcação histórico-formal. In: A. Campos; D. Pignatari & H. Campos. (2006). *Teoria da Poesia Concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. (pp. 95-104). Cotia, SP: Ateliê Editorial.
- Portugal, R. P. (2013). Poesia Clássica Chinesa – Dinastia Tang: princípios e roteiro de uma antologia em português. *Cadernos de Literatura em Tradução*, 14, 121-135.
- Portugal, R. P.; Xiao, T. (2013). *Antologia da poesia clássica chinesa: Dinastia Tang*. São Paulo: Editora Unesp.
- Saussure, F. (2012 [1970]). *Curso de linguística geral*. (28ª edição). São Paulo: Cultrix.
- Sobral, P. O. (n. d.). O funcionamento do significante na psicose e sua relação com a escrita. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_378.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_378.pdf). Acessado em: dezembro/2017.
- Soler, C. (1998). A literatura como sintoma. In: *A Psicanálise na civilização*. (pp. 13-20). Rio de Janeiro, Contra Capa. Recuperado de <http://lacanempdf.blogspot.com.br/2017/09/a-literatura-como-sintoma-colette-soler.html>
- Telles, S. (2007). Escrever em corpos, escrever no papel. *Ide*, 30 (44), 90-95.
- Vieira, M. A. (2003). O Japão de Lacan. *Latusa*, 8, 35-41.
- Zuberman, J. (2014). *A clínica psicanalítica: seminários na clínica-escola*. Porto Alegre: Editora Evangraf.